

Quaresma: Tempo de conversão da violência de cada dia

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Dentro de uma semana a comunidade cristã estará celebrando com esperança e júbilo sua festa maior: a Páscoa, a comemoração da passagem de Jesus Cristo, Filho de Deus e Nosso Senhor.

Na noite do Sábado dito de Aleluia, os cristãos entoarão o canto do “Exultet”, afirmando que céus e terra exultam de alegria porque Jesus levantou-se da morte vencedor. O mesmo Deus que tirou os hebreus do cativeiro do Egito é reconhecido agora pelos fiéis como o que não permitiu que seu Filho fosse retido pela morte em seu poder. A vida de Jesus de Nazaré, feita só de amor, reconciliação e perdão, não poderia ser tragada pela treva do desaparecimento, por aquela tão temida de todos os homens e mulheres, que Manuel Bandeira chama de “a indesejada” e que Paulo de Tarso desafia como “a última inimiga”.

Com a ressurreição de Jesus da morte onde o atiraram a injustiça e o ódio, os cristãos são convidados a viver uma esperança que não morre. Pois o destino de Jesus de Nazaré, Primogênito entre todos os homens, será também o de todas as criaturas de Deus, que passarão pelo túnel da morte indo ao encontro não do nada, ou do vazio, mas da luz que não se apaga e da vida que não termina, na comunhão eterna com o Criador, Pai amoroso que não deixa perder-se nada daquilo que sai de Suas mãos artesãs da vida.

No entanto, neste final de Quaresma, nos dias que antecedem a celebração da ressurreição do Senhor, cremos que existe um ponto aonde a Igreja nos chama especialmente a centrar nossos esforços. Esta conversão que nos é pedida diz respeito a nossa vida concreta, no tempo e na cidade em que vivemos.

No Rio de Janeiro, nos últimos tempos, a fé dos cristãos na ressurreição e na vida que vence a morte tem sido constantemente desafiada. Com a cidade refém do tráfico, notícias de mortes trágicas a cada dia, os habitantes do Rio vivem acuados, com medo do tiro, da bala perdida, do assalto a mão armada que pode tirar-lhes a vida em cada esquina e a cada instante. Prisioneiro do medo, o carioca não anda mais nas ruas, só deixa carro no estacionamento, acompanha os filhos a todo lugar. E os lojistas fecham as portas do comércio em dias úteis e o medo dita a lei para uma população confinada em suas casas e ainda assim presa do medo.

Nestas circunstâncias e preparando-nos para celebrar a Páscoa que se avizinha, creio que a linda Gabriela, morta por um tiro equivocado no metrô do Rio na flor de seus 14 anos, pode ajudar-nos a reencontrar o caminho da esperança e da vida em meio à morte que teima em instalar-se como fantasma aterrador em nossas vidas. Gabriela ficou marcada em nossas retinas com as mãos diante do rosto mostrando a pomba da paz. Era uma menina alegre, que vivia em uma casa onde havia diálogo, amor, harmonia e paz. Uma menina que

o cuidado amoroso dos pais cercava, prevenindo as possíveis fatalidades e perigos que pudessem ameaçar sua jovem vida.

Gabriela foi vítima da fatalidade do tiro equivocado do bandido que fugia da polícia. Sua morte marcou o fim de um período onde o metrô era um dos últimos transportes seguros com que o carioca contava. Seu enterro, marcado pela perplexidade e a indignação de pais, amigos e colegas já trazia, porém, uma conotação de vida em meio ao luto e à dor da morte violenta, absurda, sem explicação.

Após sua morte, os pais de Gabriela, seus amigos e muitos outros começaram a organizar manifestações e ações concretas em favor da paz em nossa cidade. Em lugar de provocar inércia e amargura, a memória de Gabriela continua viva mobilizando pessoas e grupos que sentem não poder ficar parados diante da situação aterradora que a cidade vive.

Assim como os pais e amigos de Gabriela, nós somos chamados, às portas da Semana Santa e preparando-nos para celebrar o tríduo pascal somos insistentemente chamados e enviados a converter-nos da violência nossa de cada dia e a construir a paz. Não uma paz feita da inércia e da ausência de conflitos. Mas a paz que transfigura o conflito mortal em vida e fecundidade. Como a morte de Jesus e a de Gabriela.

Assim como Jesus Ressuscitado enviava a todos os que experimentavam sua presença vivo e vencedor da morte à missão para tornar o mundo melhor e mais de acordo ao projeto do Reino de Deus, a doce Gabriela, que amava e era amada e acreditava na paz mobiliza segmentos da cidade em direção ao combate à violência a fim de que outros jovens possam viver. Por isso, ao proclamar no Domingo de Páscoa: Jesus vive, poderemos crer também que Gabriela vive, assim como todos aqueles e aquelas que apostaram suas vidas no amor e na paz. O amor é mais forte que a morte. A paz é possível ainda. Por isso Jesus ressuscitou. Por isso cremos que Gabriela vive. Por isso podemos esperar e agir. Amém.